

27 SET 1993

'FH pode ser o candidato de todos nós'

JORGE BASTOS MORENO e
MARCELO DE MORAES

BRASÍLIA — Parecia um ritual. A cada dez minutos, um orador ocupava a tribuna na convenção do PFL e acabava lançando o nome do governador Antônio Carlos Magalhães para a Presidência da República, arrancando uma enxurrada de aplausos. O governador respondia com

um sorriso e um aceno de mão.

Candidato preferido dos pefelistas, o governador garante não ter decidido ainda se disputará as eleições. Mais: afirma que se o ministro Fernando Henrique Cardoso (PSDB) conseguir obter sucesso no combate à inflação, poderá apoiá-lo nas eleições. Para Antônio Carlos, Fernando Henrique reúne raras qualidades morais e intelectuais que o habilitam a ser presidente:

— O êxito no combate à inflação poderá credenciá-lo como candidato de todos.

Antônio Carlos só não admite que o futuro presidente não tenha como princípio o binômio lei e ordem. Defensor da revisão constitucional, o governador ficou preocupado com a baderna promovida no Congresso, semana passada, por deputados de PDT. Ele teme que a repetição dessas cenas possa liquidar definitivamente

com o Congresso como instituição:

— Se isso se repetir, ninguém precisa mais falar em golpe. Ele acontecerá.

A possibilidade de vitória do presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições também preocupa o governador.

— Em cinco ou seis meses, vai ficar patente a incompetência de Lula para ser presidente. O que será que vai acontecer depois? — pergunta Antônio Carlos.

O GLOBO — O senhor é candidato à Presidência?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — No meu projeto político não existe a candidatura à Presidência. Mas não posso falar agora sobre um assunto que vai ser resolvido em maio. Meu projeto político é ser candidato ao Senado pela Bahia. Não posso dizer hoje se sou candidato ou não. Tudo indica que não serei. Mas acho que o PFL deve lutar para ter um candidato à Presidência, compor forças ou mesmo procurar alguém que represente vários segmentos da sociedade.

O GLOBO — Nesse caso, quem seria o candidato dessa coligação?

ANTÔNIO CARLOS — Quem quer compor deve ter a sabedoria de não apresentar nomes agora e muito menos vetar. O único nome cristalizado é o de Lula. Os tucanos têm um candidato potencial hoje que, amanhã, pode já não ser mais o candidato do partido. O PMDB e os demais

partidos não têm candidato. Até mesmo Maluf ainda não se lançou oficialmente.

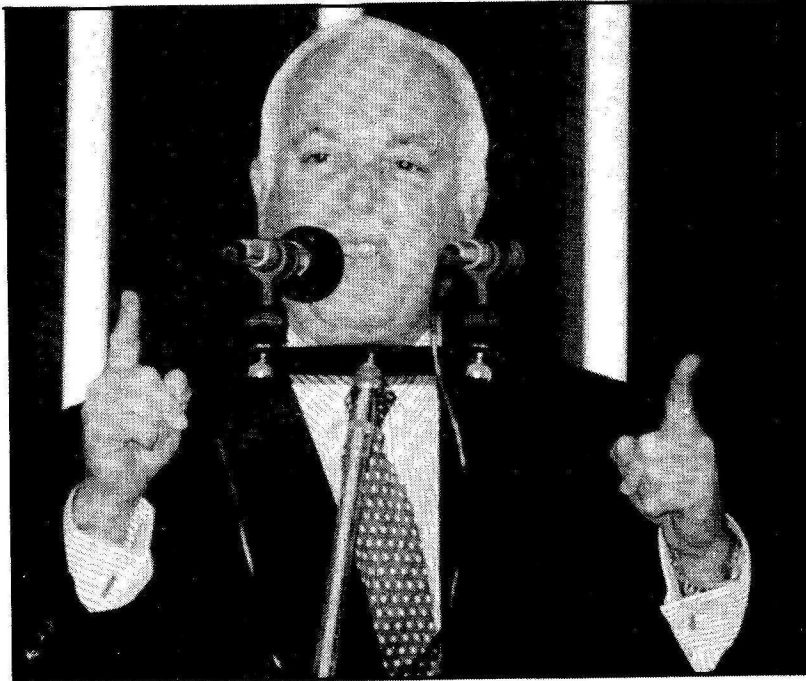
O GLOBO — O senhor acredita na candidatura de Fernando Henrique Cardoso?

ANTÔNIO CARLOS — A candidatura só existirá no momento em que ele promover a queda da inflação. Se o país estiver prosperando, é possível que seja o candidato de todos nós. Fora daí, acho que ele deve pensar na eleição proporcional.

O GLOBO — Se Fernando Henrique tiver êxito no combate à inflação, o senhor admite apoiá-lo?

ANTÔNIO CARLOS — Admito. Ele tem as qualidades morais e intelectuais para ser presidente e isso hoje não é tão comum na vida pública. Agora, o país está precisando de lei e ordem, e quem não tiver esse binômio não vai empolgar esta Nação, sobretudo contra os que querem a desordem.

Roberto Stuckert Filho



“Ou se faz a revisão da Carta por inteiro ou ela não poderá ser feita. E não fazê-la é golpe”

O GLOBO — Por que o senhor deu uma entrevista prevendo um golpe de Lula?

ANTÔNIO CARLOS — O que eu disse é que com seis meses de governo, vai ficar patente a incompetência do Lula para o exercício da Presidência. E ele vai jogar a culpa em segmentos da sociedade e até nas instituições. Será criado um quadro de pouca governabilidade. O que acontecerá? Ele tentará permanecer sem essas instituições ou fatalmente poderá ser vítima daquilo que pretende dar, o golpe.

O GLOBO — O senhor acha que a revisão constitucional acontecerá?

ANTÔNIO CARLOS — Eu temo pela revisão e acho que é mais um crime que vai se perpetrar no país. Não fazer a revisão também é um golpe. Primeiro, porque todos acordaram, sobretudo esses líderes anti-revisionistas, que a revisão se faria em 6 de outubro. Na hora de revisar, se pede o adiamento. E algumas vo-

zes, até mesmo do Governo, já começam a admitir a não revisão, querendo apenas ajustes fiscais. Qualquer pessoa sensata não pode aceitar isso. Ou se faz a revisão por inteiro ou ela não poderá ser feita.

O GLOBO — A confusão ocorrida no Congresso semana passada poderá se repetir?

ANTÔNIO CARLOS — Se algumas sessões do Congresso forem parecidas com aquela, ninguém precisa mais falar em golpe. Ele acontecerá. Ninguém vai acreditar no Congresso. Por culpa de meia dúzia de baderneiros.

O GLOBO — Os responsáveis pelo ocorrido deveriam ser cassados?

ANTÔNIO CARLOS — Acho que deveriam ser advertidos, suspensos e moralmente acusados perante a Nação. Aquilo pode ocorrer de novo. Porque o nosso engenheiro Brizola apoiou seus correligionários. Isso é muito grave.